

O QUE DISSE KARDEC? É o espiritismo uma religião?

Geraldo Pires de Oliveira

INTRODUÇÃO:

Uma conversa informal suscitou a reflexão que inspirou este trabalho. O norte do nosso estudo é sem dúvida a questão religião ou não? - o que parece mais apropriado à Doutrina Espírita, cento e quarenta anos depois, final do século vinte. Quer parecer que retomar a Kardec, analisar a história, voltar ao presente. Insistir nesse ir e vir retomando os detalhes, avaliando outros pensamentos podem amadurecer idéias, delinear com firmeza um projeto mais apropriado para o espiritismo.

Tudo aqui é posto como um burilar do pensamento. Esse que se supõe livre.

Que se dispõe a questão almejando o píncaro das possibilidades sem as peias do preconceito. Nem de longe imaginamos que os pontos consultados não fossem de conhecimento dos companheiros estudiosos do espiritismo. Esse enfoque, não pretende ser mais que uma pálida contribuição a se somar com outras tão mais ricas, melhor elaboradas que já se dispõem ao estudo dos que refletem sobre o assunto. "O que disse Kardec?", pretende definir e ratificar a posição que adotamos desde o início por afinidade. Sem o afã da polêmica infértil, passional e partidária; longe da idéia de segregação ou de preconceito, com o firme propósito de contextualizar: "O que disse Kardec ?" ...

Através de conversas com diversos companheiros que partilham esse ideal de estudos, tivemos a informação que nos diversos centros de estudo, centros espíritas, por maior que sejam as afinidades não existem dois iguais. São particularidades, tendências que tomam as instituições distintas a despeito da base ser a mesma: Kardec.

Quando analisamos uma doutrina religiosa, cristã, por exemplo, podemos entender que suas várias tendências se devem a interpretação divergente de textos de palavras dentro do compêndio bíblico. Podemos avaliar que são análises de textos muito antigos, e não raro atendem a interesses particulares, para assegurar o poder de alguns, ou não. Mas no caso da obra kardeciana, cuja elaboração não dista tanto do nosso tempo, é difícil justificar as interpretações divergentes, a não ser, também pela vaidade, pela manutenção do poder ou mesmo a conquista desse. É possível equacionar as diferenças não propriamente com o objetivo de unificar antes de possibilitar o debate, o estudo, a pesquisa no intento de avançar efetivamente.

___ O ideal espírita, o sonhado por Kardec, e adotado por tantos quantos vieram depois é sem dúvida o de contribuir para uma vida melhor a partir do entendimento melhor da própria vida. Por conta disso muitos resolveram alocar o espiritismo dentre as chamadas ciências humanas, ou sociais. Muitos só caminharam pelo caminho filosófico, como se fora a Doutrina espírita unicamente filosofia. Outros, talvez a grande maioria despertaram só e exclusivamente para o lado moral que tem contato com a religião, posto que Kardec referiu-se a moral cristã, como sendo a sua adoção para nortear o pensamento espírita. A preocupação é que essa escolha da maioria não deu desenvolvimento aos dois aspectos principais, que teria a moral por consequência. E mesmo do aspecto moral só se ateu a prática da caridade beneficente embevecidos que estavam os espíritas por tomadas evangélicas, chavões como: "Fora da Caridade não há salvação", "Só o amor constrói", "É dando que se recebe"; e não houve um avanço além das ladainhas das máximas evangélicas. Por conta disso quase temos mais uma seita, mais uma igreja, com os mesmos postulados de igrejas evangélicas, ou com costumes católicos, umbandistas, e o que valha nas orientações de suas práticas.

Adotamos uma vez, o símbolo do triângulo para explicar o caráter do espiritismo. E veja se bem: sem nenhuma alusão cabalística a figura triangular. Num ponto a ciência, n'outro a filosofia, e o espiritismo como resultante num outro vértice. Depois, considerando que a religião também tem importante papel no desenvolvimento da humanidade tivemos: num

vértice a ciência e a filosofia no outro a religião e como vértice de união o espiritismo. O espiritismo como ponto de contato de harmonização das duas partes sempre antagônicas. Mas o espiritismo sempre estaria distinto. Teria sempre seu aspecto e postura eminentemente filosófica e científica, mas nunca seria uma religião. Então: "O que disse Kardec ?" ...

Desde os primórdios da história do espiritismo há um embate entre os chamados laicos e os chamados religiosos. Pessoas de boa índole e de moral adotaram uma bandeira por afinidade, entraram num time. Muitas das vezes apaixonadamente. Todos efetivamente a Kardequiana, lutavam pelo mesmo objetivo mas por caminhos divergentes. Na América do Sul tivemos personalidades como: Torterolli, Porteiro, Marioti e outros que defenderam o espiritismo filosófico e científico. Do lado religioso foram muitos e destacamos o Dr. Bezerra de Menezes, hoje quase canonizado nos meios espíritas religiosos. E nos parece que muitos labutam na chamada seara espírita sem se dar conta destas diferenças, e se o sabem nem se preocupam pois o importante é efetivamente a caridade.

Sabemos que quando Kardec, no livro: "O Evangelho Segundo o Espiritismo" escreveu sobre a caridade e disse: "Fora da Caridade não há Salvação" estava fazendo alusão à máxima incorporada ao evangelho de Jesus: "Fora da igreja não há salvação". E tratou Kardec de explicar ou diferenciar a caridade como beneficente e benevolente. A beneficente como largamente difundida no Brasil, trata exclusivamente de atender as necessidades básicas dos carentes nas diversas áreas. Já a caridade benevolente da conta efetivamente da inter relação pessoal. Não posso deixar de dizer que a prática da caridade pelos espíritas é sempre muito elogiada por pessoas gabaritadas em várias áreas. Os espíritas são especialistas em caridade!

É bom que se diga que os chamados laicos, ou os que de fendem o espiritismo como ciência, filosofia e moral nunca deixaram de ser caridosos. Sempre atuaram em prol de uma causa social, política, sempre estiveram engajados na luta do seu tempo, atuantes. E sempre o fizeram de maneira pessoal, por índole não em nome, ou por causa do espiritismo.

Isso posto podemos ver que essas duas porções que dividimos os espíritas darão condições de entender as bandeiras os partidos adotados ao longo da história.

A FORMAÇÃO DE KARDEC:

Os ascendentes de Hyppolyte Léon Denizart Rivail, foram magistrados, dedicados a ciência do direito. Não seguiu essa tradição, já que desde cedo interessava-se pela ciência e pela filosofia. Estudou na escola de Pestalozzi em Yverdun - Suíça. Ora Pestalozzi é considerado o pai da pedagogia, já ouvimos isso. A família de Kardec era de tradições católicas, seu principal mestre era protestante. Interessante observar que Pestalozzi sonhava com a unificação das crenças, que o progresso traria por assim dizer uma única religião, dissipando as divergências e debates o que promoveria a paz entre os povos. Alguns atribuem a isso a idéia de ecumenismo.

Para os intolerantes sectários isso era obra do demônio. Intolerância religiosa de um lado e de outro também despertaram em Rivail o ideal de apaziguar as tendências e unificar os diversos credos. A nosso ver uma utopia que no momento da elaboração da Doutrina espírita parecia ter encontrado sua realização. Podemos até entender com Kardec, que as religiões poderiam encontrar confirmação de seus pontos de fé no espiritismo, pois que alguns elementos que era objeto de estudo do espiritismo faziam parte da conformação doutrinária dos diversos grupos e instituições religiosas. E até se abriu, por assim dizer, a possibilidade dos diversos religiosos estudarem espiritismo continuar nas suas igrejas e assembléias. Mas entendemos que isso contribuiria com a confusão mais tarde.

EMBATES E ALGUMAS INTRIGAS DE KARDEC:

Na resposta ao abade François Chesnel temos Kardec afirmando que o espiritismo não seria mais uma seita, não seria religião. Kardec pergunta e responde: "*é ele (o espiritismo*

uma religião? Fácil é demonstrar que não". E mais a frente: "o seu caráter é pois o de uma ciência e não de uma religião". Mas no mesmo texto mais adiante o fundador do espiritismo, por causa das conseqüências morais comuns em toda doutrina filosóficas, vai dizer: "Suas conseqüências são no sentido do cristianismo, porque é este, de todas as doutrinas, a mais esclarecida, a mais pura, razão porque, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-la em verdadeira essência. O espiritismo não é pois uma religião" ... Cabe analisar!

A maioria dos cristãos daquela época eram católicos e depois protestantes ou evangélicos. A umbanda era sincretizada ao catolicismo só no Brasil, um número relativamente pequeno e sem grande influência no panorama global. Os cristãos acima não acreditavam, não aceitavam um dos postulados básicos da Doutrina Espírita que era a reencarnação. Destacamos esse mas se procurarmos, veremos divergências fundamentais. O único ponto de contato era a origem das doutrinas cristãs: Jesus de Nazaré. Demasiado tendencioso Kardec nessa afirmação. Em que pese n'outro momento ele diga que, islâmicos, budistas, muçulmanos, estavam estudando o espiritismo. Acreditamos também num fato: Existiam doutrinas religiosas, embasadas em filosofias orientalistas com um código de moral bastante elevado e sábio e que eram reencarnacionistas, que se poderia dizer com muitos pontos de contato com o espiritismo. Quis Kardec, no entanto, denotar sua preferência. Justificaríamos considerando a cultura geral do mundo ocidental que era eminentemente cristã, com pouca ou quase nenhuma informação sobre outras doutrinas. Mas lamentamos o limite que isso de certa maneira nos imporia, a considerar que se levantam hoje bandeiras de um espiritismo cristão, contra a qual nos insurgimos, por conta desse atrelamento autorizado por Kardec.

Na revista de outubro de 1860, Allan Kardec, com certa indignação responde a um articulista, redator da gazette de Lyon, por conta de um artigo em: '2 de agosto de 1860: "*Se jamais Deus vos reservou dias nefastos, orai-he para que os ofendidos não se lembrem disto. Os que são espíritas esquecerão, porque a caridade ordena. assim fazei votos para que todos o sejam, desde que bebem no espiritismo os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos*". Mais adiante, no mesmo texto: "*Mas a propósito de uma crença de que me orgulho de professar porque é uma crença eminentemente cristã, vós procurais ridicularizar criaturas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que Jesus era operário*". O que temos abre a possibilidade de interpretação para uma crença para no mínimo um partido religioso.

AS OBRAS BÁSICAS:

Como a Doutrina espírita tem como objeto de estudo a alma, e como trata desse assunto, ainda que a título de investigação; estuda com espíritos desencarnados e no caso específico da codificação os principais espíritos eram ligados a igreja católica temos um certo ranço, um certo ar religioso ou aparentemente um ponto de fé em algumas colocações. Talvez não concordem alguns companheiros navegantes, porém ...

Em o Livro dos Espíritos, temos lima introdução, que compõe um capítulo a parte, de suma importância, onde a morte quer nos parecer seja de uma doutrina exclusivamente filosófica. Cuida da clareza de linguagem, define o encaminhamento das questões. A ordenação dos capítulos, os assuntos dispõem-se com uma didática incrível, a ponto de impressionar o mais exigente pedagogo, ou o que valha. A primeira questão nos deixa tranqüilo: O que é Deus? e toda a primeira parte desenrola-se de maneira que nada da indícios de uma religião. O questionamento é realmente filosófico!

Mas no decorrer do seu desenvolvimento, até porque as personalidades desencarnadas que ali respondem falam diferentemente; já percebemos que em alguns pontos não é tão cristalino assim a isenção, no aspecto religioso. Senão vejamos: Aleatoriamente abrimos a questão 198 da parte V - "*...E Deus não afasta da prova quem deve sofrer*" ... , outra - 334 - ... "*Deus que*

tudo sabe e que tudo ve" ..., na 336 - "*Deus proveria isso*" ... na 337 a questão já era dirigida: "*A união do espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?*" - e a resposta afirmativa ainda termina dizendo que: ... "*poderá tomar-se para ele um castigo*". Poderão não concordar os meus muitos amigos aqui presentes, mas o meu questionamento aqui considera a possibilidade de Deus ter ganhado uma personalidade, que vai dirigindo e determinando. Punindo, castigando. Na parte VI no tópico sobre os anjos da guarda temos um linguajar bastante próprio da religião: Anjo da guarda, espírito protetor, e na mensagem de São Luís e Santo Agostinho uma apologia a fé. Tá bem, sabemos que pode ser uma fé raciocinada!, mas é difícil entender fé raciocinada. Quer nos parecer que quando raciocinamos a fé cede naturalmente a razão. E passamos a acreditar por que sabemos, não seria assim?!?!

Aliás, por muito tempo utilizamos o pensamento da primeira página do livro:

O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Fé inabalável é samente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade" - Bonito, né ? - Hoje ainda aparece em alguns momentos, como um alento, como uma resposta apropriada, mas entendemos que é preciso refletir mais sobre o assunto. E selecionando, poderíamos citar aqui muitas colocações já no Livro dos Espíritos que nos daria, não só um ar de religiosidade, mas uma conotação religiosa; vede mais a questão 627, a resposta é toda uma apologia ao cristianismo, como entendemos. Embora na anterior 626, sentimos uma abertura, quando na resposta os espíritos deixam claro que as verdades estão escritas por toda parte.

Em o Livro dos Médiuns, acima já citamos o capítulo III - Método, onde Kardec fala dos Espíritas cristãos. Além disso, mesmo sendo este livro designado como o da ciência espírita, e sem dúvida ser um manual ainda insubstituível para o exercício da mediunidade tal como concebe o espiritismo. Não se aboliu a prece das reuniões. Com o propósito de se conseguir uma unidade energética, uma comunhão de pensamentos, uma harmonização do ambiente. A prece se mantém. Nem pós Kardec, sabemos de um método efetivo que tenha sido desenvolvido para a consecução da harmonia do ambiente. Talvez por sermos ocidentais, sabe-se lá, pouco sabemos de "concentração", "concentração mental" nem "meditação". Outras doutrinas esotéricas o conseguem. Jesus de Nazaré ao que tem de informação o fazia. Os praticantes da Ioga, de maneira diversa, mas os praticantes do Tai Chi Shuan, desenvolvem essa prática, e não são religiões. No espiritismo simplesmente se ora, faz-se a prece de abertura dos trabalhos e de encerramento. Mas temos de convir que o linguajar ganha alguma autoridade a mais. Maior independência, e isenção e que contribui conosco no pensamento não religioso, ou que nos permita considerar o espiritismo como sendo uma doutrina filosófica, científica e que pretende uma consequência moral. E é o que nos interessa efetivamente. Mas sigamos com nossa análise.

Já fizemos uma breve referência ao livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo, acima. Mas esse que seria por definição o elaborador da concepção moral do espiritismo, quer nos parecer em algum momento uma pedra no sapato. Um linguajar que parece querer agradar mesmo as concepções mais religiosas, mais ardorosas, de pura adoração. Será que estamos sendo rigorosos, pode ser. Mas a nossa apreciação vai ao ponto de considerar que os comentários de Kardec, sejam mais interessantes que a maioria dos ditados por espíritos. A última parte então, a das preces espíritas, é difícil não questionar a validade. Já ouvimos que alguns mais afoitos, chegam a achar a obra anômala, sem nenhuma função plausível dentro do compêndio da codificação. Não chegamos a tanto. Consideramos que se Kardec escreveu o fez com algum objetivo. O que queremos é simplesmente questionar. O que Kardec fez, da maneira como fez é assim que deve ficar? E vejam queridos companheiros, é claro que percebemos todo o aspecto consolador, e muita beleza em muitos pontos do livro. Mas alguns pensamentos ali contidos contribuiriam para as interpretações dos que fizeram uma "religião espírita". Kardec muitas vezes nas suas oscilações no máximo aceitou uma religião filosófica.

Em a Gênese, temos o I capítulo, cerca de 40 páginas. Apesar de termos ali consubstanciado a idéia de que o espiritismo é a terceira revelação, conseguinte das de Moisés

e Jesus respectivamente; Vimos ali, paradoxalmente, toda a elaboração por Kardec do pensamento científico e filosófico da Doutrina espírita. O texto é primoroso! - Podemos até questionar se é terceira revelação ou não, mas o texto na íntegra não supõe um comportamento, uma elaboração religiosa para o espiritismo. No decorrer do livro até poderíamos encontrar aqui ou acolá alguns pontos que tendessem a dúbia interpretação, e temos uma grande demanda de assuntos concernentes a Jesus, o Cristo, ainda assim temos nesse livro todo o encaminhamento de uma visão efetivamente mais racional. Considero que de certa maneira, era difícil não tocar no assunto cristianismo, pelo liame tênue das duas doutrinas. É fatal a fraternidade das duas concepções. E como alguns pensadores já entreviram uma raiz do cristianismo, e do monoteísmo nos pensamentos de Sócrates e Platão; podemos até ver com certa naturalidade e tranqüilidade a construção do edifício Kardeciano por esse viez. Longe de entender nisso uma religião.

Não falamos ainda do livro: O Céu e o Inferno. Sabemos ter sido este o quarto livro das obras básicas. Temos nesse livro, por assim considerar o coroamento ou o revestimento do aspecto moral pela filosofia. Em alguns momentos sentimos como que assistindo alguma manifestação de algum dos espíritos e imaginamos um ar grave na dissertação, um peso tumular e fantástico, coisas da fé possivelmente, ou do tema tratado nesse livro, ou pura tendência nossa. Mas tanto o Céu e o Inferno, como a Gênese; é como que melhorasse muito o direcionamento, norteasse o destino de uma doutrina racional sem peias religiosas: Ciência e Filosofia mesmo! - O que também temos grandemente na Revista Espírita.

Ainda podemos contar em nossas análises, com mais uma obra de peso:

Obras Póstumas. Muito do pensamento de Kardec se perderia se não tivessem a brilhante idéia de compilar os seus escritos, artigos e realizassem essa edição. Porém, temos uma comunicação sob o título de: Futuro do Espiritismo assinado por: UM ESPÍRITO, que nos diz que a função do espiritismo é: "*apurar a religião do Cristo*" ...depois: "*Instiurá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai, diretamente, a Deus*" ...

E muitas lembranças esparsas ocorre-nos lembrando artigos e pensamentos da Revista Espírita, e de outras obras, que bem serviriam ao propósito de balizar, tal como pretendíamos essa reflexão. Poderíamos nos ater simplesmente ao artigo do companheiro Reinaldo de Luccia, publicado a pouco tempo no Jornal Abertura. Também lembramo-nos do trabalho apresentado por Milton Rubens Medran, levantando os pontos incompatíveis entre o cristianismo e o espiritismo. Do pensamento do companheiro Reinaldo é importante frizar, e é o nosso intento, a necessidade de promover novo debate. Exaurir a polêmica, sem incorrer na infertilidade dos embates pessoais, alheios a civilidade, ao bom senso, que se supõe devam interessar aos que têm sede de poder. Cumpre-nos nesse momento pactuar com os que acham interessante avançar a partir dessa reflexão. Há um pensamento vigente: "O espiritismo será o que deles fizerem os homens" - Isso disse também Kardec. Urge a necessidade de melhorar o seu encaminhamento, e torná-lo o mais útil possível.

OUTRAS FONTES DE REFLEXÃO:

Ouvimos dizer, amiúde que, José Herculano Pires foi o filósofo brasileiro que mais entendeu Kardec. Concordamos.

Sabemos que Herculano referia-se a doutrina espírita como sendo não simplesmente religião, mas *a religião*. Uma vez que o nosso filósofo combateu o sectarismo dentro da doutrina, lutou contra a igrejificação, o misticismo, consideramos em concordância com outros companheiros que nesse caso é uma questão puramente semântica. Herculano tinha o mesmo ideal dos que seguram esse estandarte (da não religião), analise-se o livro Agonia das Religiões e pode-se compreender isso. Nesse livro temos uma análise no XIII capítulo, em que Herculano diz: "*Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas, sem, entretanto negar o seu aspecto religioso. Teve mesmo o*

cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem perigos de solução de continuidade."

O que disse Herculano, de certa forma, embasa o que tentamos refletir.

Não tendo tomado uma posição definitiva, Kardec abriu a possibilidades de alguns "aventureiros" o fazerem. Inspirados e motivados por devaneios Roustanguistas, Pietro Ubaldistas, Polidoristas, Zarurzistas, LBV's, Racionalismo's Cristão, tanto curandeirismo artesanal e romanesco, muito em nome da vaidade, pouco quase nada em nome da verdade. Dizemos quase porque vemos pessoas de boa fé envolvidas e convencidas das práticas esdrúxulas eivadas de ignorância em nome do espiritismo *kardecista*. De boa fé mas sem muita boa vontade de aprender e de revolucionar.

Um outro livro que nos serve de esteio é o livro de Ubiratam Machado: Os Intelectuais e o Espiritismo, De Castro Alves a Machado de Assis. Esse livro vale se lido integralmente é de grande interesse para todos. Por isso não pretendemos fazer citações. Vale dizer, que o jornalista/autor: Ubiratam Machado nos remete historicamente aos primórdios do espiritismo no Brasil. e que podemos depreender que o embate é antigo. Sempre houveram os laicos ou científicos do espiritismo e os religiosos. Numa briga puramente partidária, pelo poder, ou o que valha. No Brasil a chamada Seara era grande e precisava de trabalhadores. País pobre com muitos problemas sociais estimularam um time de espíritas de primeira hora ao trabalho assistencial, a caridade beneficente. E os espíritas até hoje são destaques no Know-how da caridade. Carente de tudo, principalmente de cultura geral, de educação até elementar, o brasileiro foi muito assistido pelo espiritismo, mas pouco desenvolveu pesquisas e seu lado científico e filosófico. As academias pouco ou nada sabem dele. Ignoram e até fazem pilhérias sem pesquisá-lo. Sabemos que existem uns poucos grupos, mas ainda insatisfatórios. E são muitos os acadêmicos adeptos da filosofia espírita.

Toda a nossa reflexão, pretende estimular a polêmica, mas necessária e urgente discussão. O que é vantagem para a doutrina? - Consideramos e reconsideremos o que disse Kardec. Ele nos deu a chave, e a porta se nos apresenta. Quantos já o disseram, mas sem a preocupação de sermos redundantes queremos frizar: Kardec é a base, a fundação do edifício, mas não a sua cobertura o seu fechamento. Abriu-nos a possibilidade da pesquisa e do desenvolvimento desse. Foi a palavra inicial, e quão longe estamos da palavra final, se é que vá existir ??? - *"O espiritismo será o que dele, fizerem os homens"*.

Não podemos abrir mão do questionamento. E é possível ver que Kardec n'alguma questões talvez não tivesse definições apropriadas, satisfatórias e talvez esteja nisso a causa do desencontro. Importa sempre ver o que disse Kardec, mas o avanço é essencial. O bom senso nos impele à questão.

Devolvemos a palavra a José Herculano Pires, na finalização do seu capítulo iniciado acima: ... *"Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou fanatismo, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas. Evitemos essa queda ao passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito."*

Bibliografia:

- Obras Básicas - Allan Kardec
- Obras Póstumas - Allan Kardec
- Revista Espírita - Allan Kardec
- Agonia das Religiões - J. Herculano Pires